FACULDADE DE DESPORTO
UNIVERSIDADE DO PORTO

Em busca de indicadores sobre assédio e abuso sexual no âmbito esportivo e no âmbito da academia

Dissertação apresentada com vista à obtenção do 2º ciclo em Atividade física e saúde, da Faculdade de Desporto da Universidade do Porto, ao abrigo do Decreto-Lei nº 74/2006, de 24 de março, na redação dada pelo Decreto-Lei nº 65/2018 de 16 de agosto.

Orientadora: Professora Maria Paula Monteiro Pinheiro da Silva

Carine Antônia Viechinski

Porto, 2020

Ficha de Catalogação

Viechinski, C. A. (2020). *Em busca de indicadores sobre assédio e abuso sexual no âmbito esportivo e no âmbito da academia.* Porto: C. Viechinski. Dissertação de Mestrado para a obtenção do grau de Mestre em Atividade física e saúde, apresentada à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

Palavras-chave: abuso sexual, assédio sexual, esporte, academia, vulnerabilidade no esporte

DEDICATÓRIA

Dedico esse trabalho as pessoas que mais amo e são meu pilar;

Minha mãe: Solange Viechinski

Meu pai: Delair Viechinski

Meus irmãos: Arthur Viechinski e João Paulo Viechinski

Agradecimentos

No decorrer dessa etapa acadêmica que agora se concretiza, muito foi feito e trabalhado. Nada seria possível sem ajuda de muitas pessoas que estiveram comigo nesses dois anos. Meus agradecimentos são...

... primeiramente para minha família, por sempre me apoiar e me impulsionar a ser melhor.

.... aos meus colegas de mestrado que me ajudaram sempre que precisei, em especial minha amiga e irmã de coração Paula Vale.

.... a minha Orientadora Professora Maria Paula Monteiro Pinheiro da Silva, que com muita calma e paciência me auxiliou durante toda a realização desse estudo.

…aos professores de academia e ex atletas que cederam seu tempo e sensibilidade para darem as entrevistas, fui muito bem recebida por todos.

... a Neytali Oliveira por ler e corrigir as diversas vezes que enviei meu relatório e por me acalmar quando estava sobrecarregada.

.... aos meus professores do mestrado.

... aos meus amigos que sempre me incentivaram e deixaram palavras de apoio.

... as minhas queridas alunas, alunos e chefes, que ouviram minhas dificuldades na tese e acreditaram sempre no meu trabalho e competência para realiza-la com sucesso.

... a Deus por me dar saúde e força para encarar todo o obstáculo imposto.

A todos, MUITO OBRIGADA!

INDICE

Ficha de Catalogação II

Agradecimentos V

Índice Anexos IX

RESUMO 11

Abstract 13

1. Introdução 15

2. Revisão de Literatura 19

2.1. Assédio e abuso sexual no âmbito da academia 19

2.2. Assédio e abuso sexual no âmbito esportivo 20

2.3. Grupos com maior probabilidade de sofrer assédio ou abuso sexual no âmbito esportivo ou no âmbito da academia 21

2.3.1. Crianças/Jovens 21

2.3.2. Mulheres 23

2.3.3. Atletas com Deficiência 26

2.3.4. LGBTQ+: 26

2.3.5. Desfavorecimento financeiro 28

3. Objetivos 29

3.1. Objetivo Geral 29

3.2. Objetivos Específicos 29

4. Metodologia 31

5. Apresentação dos Resultados 35

5.1. Tabu 35

5.1.1 Grupos vulneráveis 36

5.2 Medo e culpa 38

5.3 Hierarquia 40

5.4 Assédio e Abuso sexual no âmbito da academia e no âmbito esportivo 41

5.5 Sugestões para diminuição do assédio e abuso sexual no âmbito esportivo e no âmbito da academia..... 44

6. Discussão dos resultados..... 47

7. Conclusões..... 51

8. Bibliografia..... 53

9. Anexos 63

Índice Anexos

ANEXO 1 - Guia de entrevista semiestruturada/academia.....64

ANEXO 2 - Guia de entrevista semiestruturada/esporte.....66

ANEXO 3 – Comissão Europeia sobre igualdade de gênero.....68

RESUMO

Atualmente, é de concordância que a atividade física traz benefícios para quem a pratica, tanto em níveis físicos quanto em psicológicos. Porém, ao longo dos anos os alunos(as) e atletas vem enfrentando uma difícil barreira controversa a ideia de que atividade física é benéfica. Nessa perspectiva, no presente estudo foi-se em busca de indicadores sobre assédio e abuso sexual no âmbito esportivo e no âmbito da academia.

Esse artigo teve como objetivo analisar as narrativas dos atletas sobre o tema proposto, suas experiências, o que eles identificam como grupos de vulnerabilidade os fatores que propositam esse acontecimento e formas de diminuição e prevenção do assédio e abuso sexual no âmbito esportivo e no âmbito da academia.

A entrevista foi constituída por 4 (quatro) professores de educação física que atualmente trabalham em academias e 4 (quatro) ex atletas um de cada esporte (basquete, ginástica artística, futebol e futsal), com idades compreendidas entre os 22 e os 42 anos de idade, sendo utilizado um guia de entrevista semiestruturada individual com dois grupos de questões: (1) questões sociodemográficas, (2) questões abertas sobre as opiniões acerca do assédio e abuso sexual no âmbito esportivo ou no âmbito da academia.

A análise dos resultados revelou que todos os professores(as) e atletas ouviram, viram ou vivenciaram uma ou mais cenas de assédio ou abuso sexual em seu local de trabalho ou treino. Relativamente ao baixo índice de denuncia os entrevistados citam como maior fator o medo e a culpa. Pelas suas experiências o grupo em geral de maior vulnerabilidade são as mulheres e no âmbito esportivo destaca-se atletas menores de idade e de baixa renda. Também se observa que o abusador utiliza o machismo e a hierarquia para se aproximar e abordar vítimas. Em relação as diferenças entre o âmbito esportivo e o âmbito da academia foi identificado que no âmbito da academia é recorrente o assédio sexual, mas não o abuso sexual, contraditório ao âmbito esportivo que aparentemente sofre mais com o abuso

sexual, por fim, a solução mais cabível seria a conscientização de todos sobre o tema através da educação em casa, escola e em clubes e a punição dos abusadores.

PALAVRAS-CHAVE: ABUSO SEXUAL, ASSÉDIO SEXUAL, ESPORTE, ACADEMIA, VULNERABILIDADE NO ESPORTE

Abstract

Currently, it is agreed that physical activity has benefits for those who practice it, both on physical and psychological levels. However, over the years, students and athletes have faced a difficult controversial barrier to the idea that physical activity is beneficial. In this perspective, in the present study, we searched for indicators on sexual harassment and abuse in sports and in academia.

This article aimed to analyze the athletes' narratives about the proposed theme, their experiences, what they identify as vulnerability groups the factors that propose this event and ways of reducing and preventing sexual harassment and abuse in the sport and in the sport. gym.

The interview consisted of 4 (four) physical education teachers who currently work in gyms and 4 (four) former athletes one of each sport (basketball, artistic gymnastics, football and futsal), aged between 22 and 42 years old of age, using an individual semi-structured interview guide with two groups of questions: (1) sociodemographic questions, (2) open questions about opinions about sexual harassment and abuse in sports or in the gym.

The analysis of the results revealed that all teachers and athletes heard, saw or experienced one or more scenes of sexual harassment or abuse in their workplace or training. Regarding the low denunciation rate, respondents cite fear and guilt as the biggest factor. Due to their experiences, the group in general with the greatest vulnerability is women and in the sporting field, athletes of underage and low income stand out. It is also observed that the abuser uses machismo and hierarchy to approach and approach victims. Regarding the differences between the sports and the gym, it was identified that sexual harassment is recurrent in the gym, but not sexual abuse, contradictory to the sport that apparently suffers more from sexual abuse, finally, the solution more appropriate would be the awareness of everyone

on the subject through education at home, school and in clubs and the punishment of abusers.

KEYWORDS: SEXUAL ABUSE, SEXUAL HARASSMENT, SPORT, ACADEMY, SPORT VULNERABILITY

1. Introdução

O assunto incomoda, mas todo o ano questões relacionadas à assédio e abuso sexual são mais faladas, escritas, debatidas e infelizmente protagonizadas, principalmente no âmbito esportivo e no âmbito das academias, onde existe uma grande vulnerabilidade dos envolvidos (Martín Horcajo, 2014).

Antes de particularizar o trabalho, primeiramente definimos cada um dos termos, assédio sexual e abuso sexual. O assédio sexual corresponde a uma situação em que um comportamento indesejado de carácter sexual se manifesta sob a forma física, verbal ou não verbal, com o objetivo de violar a dignidade da pessoa e de criar um ambiente intimidativo, hostil, humilhante ou ofensivo (Declaração de Pequim, 1997).

Já nas definições mais recentes de abuso sexual e segundo a Associação Americana de Psicologia (APA), o abuso sexual é uma atividade sexual indesejada, em que a pessoa agressora usa a força, ameaça ou aproveita a vantagem de a vítima não poder consentir (APA, 2018). Trata-se de um fenômeno complexo que abrange vários recursos psicológicos e dimensões contextuais que contribuem para uma variedade de demonstrações comportamentais. Este tipo de abuso pode ser violento, ou com menos violência, porém íntimo, forçado ou coagido, envolve penetração, atos não penetrativos e a assimetria de idade (Brackenridge, Bishopp, Moussali & Taap, 2008).

Abrindo espaço para especificidades abordamos agora no foco do trabalho, indicadores sobre assédio e abuso sexual no âmbito esportivo e no âmbito da academia. Segundo o Comité Olímpico Internacional o assédio sexual no esporte ocorre pela relação de poder que a figura assediadora representa, relaciona-se a conduta a um indivíduo ou grupo que tenha cunho sexual seja verbalmente ou fisicamente, intencional ou não, legal ou ilegal, que é fundamentada como abuso de

poder e confiança e faz com que a vítima se sinta coagida. O abuso sexual no meio esportivo compreende a qualquer ação sexual em que o consentimento não seja ou não possa ser concedido (COI, 2007).

Tem sido limitadas as pesquisas sobre assédio e abuso sexual vinculadas a atividade física, menos ainda se encontra livros ou artigos que falem desse tema dentro do âmbito da academia. Brackenridge (2001) escreve sobre exploração sexual esportiva e confirma que ela tem sido praticada contra atletas há anos, mas apenas recentemente está sendo vista como um problema de saúde pública e pessoal. Brackenridge também foi a primeira pesquisadora a integrar estratégias práticas para as partes interessadas como resultado de suas análises, posições teóricas prévias e revisão sistemática da literatura notando a fragilidade de atletas e praticantes de atividade física diante da linha que cruza a pessoa como boa nas funções de treinador/professor/colega e o início de assédio ou abuso sexual.

Apesar dos estudos sobre o tema estarem cada vez mais presentes, o resultado satisfatório está longe de ser alcançado, visto que escândalos sexuais envolvendo o esporte aparecem com frequência nas mídias, ressaltando que é uma pratica recorrente dentro desse âmbito e que está distante de ser neutralizada.

O ambiente esportivo foi identificado como um local com lacunas prosperas para o assediador e abusador sexual, um terreno fértil para idealização da masculinidade e da violência inerentes à cultura (McMahon, 2007). Um local que permite uma proximidade física sem levantar suspeitas, abrindo precedentes para uma abordagem sexual discreta.

Devido ao pouco estudo e ao descontentamento com a regularidade que o assédio e o abuso sexual ocorrem no âmbito esportivo e no âmbito da academia, essa investigação se propôs a averiguar através de oito narrativas, sendo elas quatro de professores de academia e quatro de ex atletas de diferentes modalidades, o conhecimento dos entrevistados sobre o assunto, a recorrência dele em seus âmbitos específicos, grupos vulneráveis, motivos para não exposição do

acontecido, relatos sobre acontecimentos já escutados, vistos ou vivenciados e formas de combate e prevenção do mesmo.

Por conseguinte, será revisado as escritas sobre o tema e os resultados das análises de dados propostas pelo trabalho em si, na objetividade de encontrar indicadores sobre assédio e abuso sexual no âmbito esportivo e âmbito da academia.

2. Revisão de Literatura

2.1. Assédio e abuso sexual no âmbito da academia

Pouco se sabe sobre a prevalência de assédio e abuso sexual no âmbito da academia. Os estudos relacionados com o tema são vinculados a outros estudos como assédio sexual no local de trabalho ou em ambiente acadêmico, no entanto, alguns estudos escrevem sobre a atmosfera sexualizada que a atividade física cria, seja ela no esporte ou na academia, facilitando assim com que a incidência de assédio e abuso seja maior nessas áreas (Hotelling & Zuber 1997).

Com o passar dos anos as portas para falar sobre assédio e abuso vem ficando mais tempo abertas e as vítimas ganham um espaço amplo para realizar suas denúncias, nota-se também um aumento de feministas que revolucionaram as redes sociais, com *hashtags* sobre o assunto, mesmo assim parece ser ainda um tabu e pouco discutido principalmente no âmbito da academia. (THINK OLGA, 2017).

De consequências leves a graves para as vítimas, o tema raramente é abordado no âmbito da academia, mas se ouve muito falar sobre ele quando se está fora e também sobre sua normalização (Santos, 2015).

Essa normalização do assédio e abuso sexual dentro da academia, parece ser reforçado pela bibliografia, ao perceber que os artigos que abordam o tema estão sempre relacionados a outros temas que são o foco principal do artigo. Essa pincelada sem enfatização sobre o assunto, nos levam a não perceber a frequência e a gravidade do acontecido. Mesmo o assédio e o abuso não sendo discutidos, parece estarem culturalmente presentes em nossas academias.

2.2. Assédio e abuso sexual no âmbito esportivo

As notícias recentes sobre a má procedência de treinadores e colegas no âmbito esportivo, contradizem a cultura e o valor da educação no esporte (Harrison, 1995; Sherlock, 1979; Shields e Bredemeier, 1994; Talbot, 1976). Percebe-se que há pouca compreensão sobre a ação do aproveitamento sexual na área do esporte, menos ainda sobre avanços na realização dos treinamentos ou ensinamento esportivo.

Notório que o esporte é visto constantemente como meio para o progresso das capacidades físicas e pessoais, parece ilógico que ele se enquadre em um local de assedio e abuso sexual (Benedict, 1997; Burton-Nelson, 1994, 1996; Heywood , 1998; Robinson, 1997).

O início das pesquisas sobre o tema data do final dos anos 80, graças a um movimento feminista e da sociologia crítica do esporte (Brackenridge, 1987; Crosset, 1986). O trabalho de ideologias e prevenção se distendeu simultaneamente à pesquisa acadêmica (Brackenridge, 1996; Lenskyj, 1992), mas ainda não se encontra uma hipótese prenunciadora capaz de apontar o risco de assédio e abuso sexual no esporte. O que se pode afirmar é quem em Portugal, segundo Adami (2017) “Uma das formas de violência é o abuso sexual, considerado como um problema universal de saúde pública”, abrindo precedentes para um cuidado e atenção maior ao assunto.

Um começo para o combate ao assédio e abuso sexual no esporte, é a identificação dos grupos de maior vulnerabilidade, que segundo (Mountjoy, 2016) são atletas crianças/jovens, atletas com deficiência, atletas mulheres e atletas LGBTQ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros). Seria negligência não citar que os pesquisadores/as foram direcionados ao foco abusador (masculino), vítima (feminino), silenciando as vozes masculinas sobre o assunto

(Hartill, 2009). Vejamos com mais particularidade cada um deles, sobretudo com exemplos reais.

2.3. Grupos com maior probabilidade de sofrer assédio ou abuso sexual no âmbito esportivo ou no âmbito da academia

2.3.1. Crianças/Jovens

Vejamos os dados em geral sobre o abuso e o assédio com crianças e jovens, segundo uma pesquisa, com representatividade nacional sobre a prevalência de violência contra crianças realizada em 96 países, estima-se que em todo o mundo um bilhão de crianças, isso é mais do que 50% das crianças entre 2 e 17 anos de idade, sofreram violência psicológica, física ou sexual no ano anterior (Hillis, 2016).

Mesmo tendo alta predominância a violência contra a criança é constantemente mascarada, pelo que os casos acontecem 30% a 75% com mais frequência do que são denunciados oficialmente (Stoltenborgh, 2011). De destacar a prevalência do abuso na infância em meninas que atinge 18%, enquanto os meninos 8%, e em que os abusadores são preponderantemente homens (Stoltenborgh, 2013).

Em específico ao esporte, quando o treinador/professor/colega constrói uma relação de confiança e amizade com a criança/jovem atleta, isso fortalece o isolamento e controle sobre ela, criando uma fidelidade, dando início ao assédio ou abuso sexual e favorecendo a discrição dessa conduta (Gama, 2019). Conduta essa que se torna mais difícil de identificar principalmente porque em boa parte dos casos as crianças/jovens atletas tem um sentimento de deslumbre pelo agressor (Brackenridge et al., 2008).

Dados recentes sobre o assunto, mostram que em Portugal cerca de 15,9% de crianças/jovens atletas sexo feminino já sofreram abuso sexual, comparativamente com 11,7% do sexo masculino, verificando que esses abusos são 80% executados por homens e na mesma porcentagem as vítimas são meninas (Mateus, 2012). Referente a faixa etária constata-se que entre os 8 e 13 anos de idade ocorre uma maior incidência de abuso sexual (Lopes, 2017).

Estudos em Portugal, demonstram que 2 a 8% dos jovens atletas são vítimas de abuso sexual no contexto esportivo (e.g. Adami et al., 2017; Parent & Hlimi, 2012). É também relatado que 98% dos agressores são treinadores/professores e grande parte das vítimas é do sexo feminino, podendo esta diferença ser tão exorbitante pelo fato de atletas do sexo masculino não denunciarem com frequência estes acontecimentos. (Adami et al., 2017; Parent & Hlimi, 2012).

Estas situações não declaradas de assédio e abuso sexual parecem ser reconhecidas por várias instâncias do esporte, como o próprio Comité Olímpico de Portugal (COP) que, em abril de 2020, emitiu um comunicado em que pede "vigilância" por assédio e abuso sexual, apelando às autoridades que tutelam o esporte e que possam manter-se vigilantes em relação a situações de assédio e abuso sexual com jovens atletas.

A fragilidade das crianças e jovens atletas, ocasiona o contexto perfeito para o abusador se aproximar da vítima e praticar o assédio ou abuso. Desde que o assunto começou a ser mais comentado, vários casos de abuso e assédio sexual contra menores foram revelados, por exemplo, o futebol inglês que sofreu um grande impacto quando recebeu denúncias de ex-jogadores profissionais em 2016, revelando abusos ocorridos durante as décadas de 70, 80 e 90. A maioria das

alegações estavam ligados a Barry Bennell, um ex-técnico que foi acusado como abusador de uma série de crianças e jovens[1].

Um dos casos mais comentados em 2011 foi do ex-assistente de futebol americano da Penn State, Jerry Sandusky[2], que somente em 2019 foi ressentido a 30 até 60 anos de prisão, por abusar sexualmente de 10 crianças.

No Brasil em 2008, o depoimento da nadadora Joanna Maranhão, ganhadora de oito medalhas em jogos Pan-Americanos, revelou ser molestada sexualmente por Eugenio Miranda[3], seu treinador, quando tinha nove anos. Ela processou o abusador, venceu o processo, mas o crime já havia prescrevido, por isso Miranda não foi preso. Posteriormente ao caso, foi aprovada a lei mudando o prazo de prescrição para contar somente após os 18 anos e não a partir do momento do crime. A lei ganhou o nome da nadadora que virou um marco no país, ela foi ovacionada e inspirou muitas pessoas que já passaram pelo mesmo a denunciarem seus abusadores, principalmente o próximo grupo de vulnerabilidade apresentado, as atletas mulheres.

2.3.2. Mulheres

A sociedade culturalmente separa e atribui papéis sociais distintos a homens e mulheres desde crianças, meninos são símbolo de força, poder e independência e meninas de sensibilidade, amor e dependência, referido a mulher como sexo frágil. Historicamente somente a partir do século XVIII ocorreu a separação de gênero, antes disso só havia masculino, finalmente no final desse século XVIII a mulher foi reconhecida como gênero, porém, inferior ao homem. (Costa, 1995).

---

[1] https://brasil.elpais.com/brasil/2018/02/19/deportes/1519054615_887205.html

[2] https://eu.usatoday.com/story/news/nation/2019/11/22/jerry-sandusky-ex-penn-state-coach-sex-abuse-re-sentencing-hearing/4269271002/

[3] https://eudesquintino.jusbrasil.com.br/artigos/121823179/lei-joanna-maranhao

Essa inferiorização trouxe consigo a submissão, e a mulher sofre até hoje por ser considerada o “sexo frágil”. Em questão ao assédio e abuso sexual perturbadoramente, um terço das vítimas de assédio ou abuso sexual nunca compartilha suas experiências com ninguém e menos de 10% dos estudantes universitários denunciam agressão sexual (Taylor e Hardin, 2015). Em 2016, estima-se que 77% dos incidentes de estupro e agressão sexual não foram relatados nos Estados Unidos (Bureau of Justice Statistics, 2009). Também em Portugal 52 % das mulheres foram vítimas de, pelo menos, um ato de violência, principalmente de forma psicológica (Lisboa, 2009). A situação de violência sobre meninas e mulheres é reconhecida pela União Europeia como uma das mais devastadoras e persistentes violações aos direitos humanos. Essa violência é refletida em várias áreas, inclusive a esportiva.

Durante séculos as mulheres não praticavam esporte ou não tinham visibilidade alguma para tal, ao longo do tempo foi se conquistando espaço, mesmo em meio à várias dificuldades (Hargreaves, 1994, Thorpe et al., 2017). A mídia foi chave essencial para iniciar a divulgação das mulheres no esporte, porém, fica perceptível que atletas homens são engrandecidos pela pratica esportiva e mulheres são vistas nela com estranheza ou como objetificação sexual (Bourdieu, 2005).

Numa pesquisa aleatória com 377 atletas do sexo feminino na Grã-Bretanha, os dados apontaram que 43% das atletas relataram ser assediadas por seus treinadores homens em diferentes graus de assédio e abuso sexual (Yorganci, 1993,1994).

É inegável que as atletas mulheres atualmente ganharam uma maior visibilidade do que no século passado, porém, com essa maior atenção surgiram novas exigências ficando mais difícil alcançar um espaço na elite esportiva, e segundo diversos estudos (e.g. Leahy, 2002; Fasting, 2004; Brackenridge & Fasting, 2005), quanto maior a qualificação no desporto, maior risco de assédio ou

abuso sexual as atletas correm. Em pesquisa relacionada a mulheres no esporte na República Tcheca, 29,7% de praticantes de um nível de competição menos relevante já haviam sofrido situações de assédio sexual, e o número sobe bruscamente para 55,2% entre as atletas de elite (Fasting & Knorre, 2011).

Quando falamos de abuso e assédio sexual no esporte, facilmente é lembrado o caso aparentemente mais conhecido da atualidade, Larry Nassar[4], ex-médico da seleção americana de ginástica. Durante duas décadas, centenas de atletas mulheres da seleção americana de ginástica, menores de idade em sua maioria, foram vítimas de assédio e abusos sexuais cometidos por Nassar. As acusações chegaram a público no fim de 2016, incluindo alegações que partiram de campeãs olímpicas como Gabby Douglas e Simone Biles.

Na mesma linha, a denúncia mais recente feita em 2020, é de Sarah Abitbol, ex-patinadora francesa, que afirma ter sido abusada de 1990 até 1992 por seu técnico Gilles Beyes[5], quando ainda era adolescente.

Em Portugal, a atleta campeã júnior de Muay Thai, que na época da denúncia (2018) tinha 17 anos e da ocorrência do assédio sexual somente 16 anos, apresentou queixa na Polícia Judiciária contra o treinador Gil Aires da Silva[6], que foi suspenso de qualquer atividade pela Federação Portuguesa de Kickboxing e Muay Thai.

[4] https://globoesporte.globo.com/ginastica-artistica/noticia/caso-larry-nassar-120-ginastas-entram-com-pedido-sobre-investigacao-do-fbi.ghtml

[5] https://globoesporte.globo.com/outros-esportes/noticia/apos-denuncia-21-tecnicos-de-patinacao-sao-acusados-de-abuso-sexual-e-agressao-na-franca.ghtml

[6] https://tribunaexpresso.pt/revista-de-imprensa/2018-01-15-Assedio-sexual.-Campea-portuguesa-de-Muay-Thai-apresentou-queixa-do-treinador-1

2.3.3. Atletas com Deficiência

Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS, 2010), a deficiência é a perda ou anormalidade de estrutura ou função psicológica, fisiológica ou anatómica, temporária ou permanente. É a ocorrência de uma anomalia, defeito ou perda de um membro, órgão, tecido ou qualquer outra estrutura do corpo, inclusive, das funções mentais. Representa a exteriorização de um estado patológico, refletindo um distúrbio orgânico, uma perturbação no órgão.

Em relação ao assédio e abuso sexual de pessoas com deficiência, Murphy e Elias afirmam que os jovens com deficiência física ou mental são 2,2 vezes mais abusados sexualmente do que jovens sem deficiência (Murphy and Elias, 2006). Relacionado ao esporte, atletas com deficiência experimentam um risco duas a três vezes maior de abuso e assédio psicológico, físico e sexual quando comparados aos atletas jovens em geral (Sullivan, 2000).

Em 2017, as jogadoras brasileiras de basquete profissional das paralimpíadas protagonizaram um grande escândalo, onde foi confirmado o abuso sexual de uma das jogadoras por parte de colegas e da coordenadora do time, Gracielle Silva[7].

2.3.4. LGBTQ+[8]:

O contexto esportivo é preenchido por vínculos íntimos entre esporte e masculinidades, feminilidades e exploração de gênero. A homofobia é parte integrante do heterossexismo/hipersexualidade e familismo, conceitos reforçados em um ambiente esportivo, segundo (Kirby, 2000, p.113-115), “Heterossexismo/hipersexualidade: o heterossexismo é uma discriminação baseada no privilégio heterossexual, onde a heterossexualidade é vista como a

[7] https://oglobo.globo.com/esportes/vitima-fala-pela-primeira-vez-apos-escandalo-sexual-no-basquete-paralimpico-23317309

[8] ***LGBTQ+ -*** lésbicas, gays, bissexuais, transgênero e queer.

norma social e sexual de todos os participantes do esporte. O esporte é marcado por expressões de heterossexualidade ritualizada e heterossexismo. A hipersexualidade é um imperativo de gênero, onde a imagem ideal de um atleta do sexo masculino pressupõe também características de grande virilidade e apetite sexual superativo (lido heterossexual)".

O entendimento de mulheres e homens atletas sempre foi ligado a expectativas culturais de feminilidade e masculinidade. Homens precisam ser fortes, resistentes e competitivos enquanto as mulheres que detêm dessas qualidades são "masculinizadas", ao menos que esteja vinculada a um esporte que demostre feminilidade e heterossexualidade. O mesmo ocorre quando um atleta homem pratica um esporte que requer delicadeza, ritmo, sensibilidade e acaba por enfrentar preconceitos por estar sendo o que se considera "afeminado" (Cunningham, 2012).

Entrevistando atletas heterossexuais do sexo masculino, Michael Messner (Messner, 1992) confirmou a disposição homofóbica do esporte. Refere que a extensão da homofobia no mundo do esporte é impressionante, sendo que os meninos (no esporte) aprendem cedo que ser gay, suspeitar de ser gay ou mesmo ser incapaz de provar o status heterossexual de alguém não é aceitável. O que provoca um anonimato sobre o assunto.

O anonimato da sexualidade no esporte abre uma brecha para casos de abuso sexual. Em 2019, Diego Hypólito, ginasta brasileiro, também relatou sobre abusos sofridos durante trotes por outros ginastas. Em 2016, o técnico da seleção brasileira de ginástica, Fernando de Carvalho Lopes[9], foi acusado de abusar sexualmente de cerca de 40 atletas. Na ocasião, Hypólito prestou depoimento e

[9] https://interativos.globoesporte.globo.com/ginastica-artistica/abuso-na-ginastica/especial/escandalo-na-ginastica

relatou o *bullying* sofrido pela equipe do treinador que permitia ataques de cunho sexual.[10]

2.3.5. Desfavorecimento financeiro

Entre os fatores de risco listados por Celia Brackenridge (Brackenridge, 1997) apresenta-se a vulnerabilidade financeira como gatilho para um assédio ou abuso sexual no esporte, problema que ocorre em grande parte dos casos.

Um exemplo claro aconteceu também no futebol, em 2018, no famoso clube argentino River Plate [11]foi revelado um esquema de prostituição infantil, atletas jovens do sexo feminino e masculino menores de idade em situação de pobreza, eram aliciados para fazer programas por pequenas quantias e sofriam com abusos sexuais.

[10] https://globoesporte.globo.com/ginastica-artistica/abuso-na-ginastica/noticia/diego-hypolito-revela-que-ele-e-outros-atletas-sofriam-bullying-pesado-e-os-tecnicos-sabiam.ghtml

[11] https://esporte.ig.com.br/futebol/internacional/2018-04-06/escandalo-sexual-argentina-river-independiente.html

3. Objetivos

3.1. Objetivo Geral

Em busca de indicadores sobre assédio e abuso sexual no âmbito esportivo e no âmbito da academia.

3.2. Objetivos Específicos

- Observar se o abuso e o assédio sexual ocorrem nos âmbitos estudados;
- Identificar os grupos de maior vulnerabilidade ao assédio e abuso sexual no âmbito esportivo e no âmbito da academia;
- Aceder aos principais fatores que propositam o início e continuidade do assédio e abuso sexual nas áreas citadas;
- Analisar a percepção dos atletas quanto ao tema proposto e suas experiências seja como espectador ou vítima;
- Aceder a perspectivas dos atletas sobre estratégias de prevenção ao abuso e assédio sexual.

4. Metodologia

Essa pesquisa qualitativa, de caráter descritivo-exploratória, (Meksenas, 2002), em que pretendemos compreender de maneira interpretativa as experiências de indivíduos inseridos no contexto em que vivem a fim de buscar uma maior veracidade e fidedignidade dos fatos.

Esse estudo apresenta narrativas autênticas de ex atletas e professores/as de academia, baseadas em suas experiências vividas, transferindo assim um entendimento detalhado dos fatos ocorridos. Uma narrativa é uma história com começo, meio e fim. Pode ser interpretada para estruturar um seguimento de eventos em um todo (Elliot, 2005).

Denominada como perspectivas epistemológicas, a investigação narrativa se enquadra em um paradigma de interpretação (Papathomas, 2016). Sendo assim, para alguns autores (e.g. Smith & Sparkes, 2009), as realidades são inúmeras, desenvolvidas e inerentes da mente ao fazer uma investigação narrativa. Pode-se considerar um método que toma a própria história como seu objeto de investigação (Smith e Sparkes, 2009). Consequentemente, as experiências apresentadas neste estudo pelos ex atletas e professores de academia, são consideradas as suas verdades pessoais.

As narrativas apresentadas neste artigo são provenientes de oito entrevistas realizadas presencialmente e também via *whatsapp*[12], a um total de oito participantes, quatro ex atletas (dois masculinos e dois femininos) e quatro professores/as de academia (dois masculinos e dois femininos). De 4 ex atletas, 3 são do Brasil, em que 2 residem em Portugal há aproximadamente 6 anos e 1 reside no Brasil. Jogaram como profissionais, em que 2 jogaram alguns anos como profissionais em países europeus; 1 jogou em Portugal durante 3 (três) anos e mais

[12] Devido às restrições colocadas pela pandemia do Covid19.

1 ex atleta profissional do Brasil. Já os 4 professores participantes são de nacionalidade brasileira, 2 residem no Brasil e 2 em Portugal e todos/as trabalham há mais de 5 (cinco) anos na academia.

Inicialmente foi realizado o contato com professores/as e ex atletas para falar sobre o tema proposto. Na ocasião foi esclarecido todos os pontos sobre a pesquisa e sua significância. Todos/as ex atletas e professores/as de academia contatados foram convidados pela entrevistadora para relatar suas vivencias sobre o tema em estudo. Mediante consentimento dos/as participantes após um termo de livre esclarecido, iniciamos a pesquisa proposta. O instrumento utilizado nessa investigação foi uma entrevista semiestruturada. As entrevistas se deram de forma *online* (utilizando a plataforma WhatsApp) e presencialmente.

O guião da entrevista semiestruturada foi composto por nove questões individuais com perguntas objetivas e subjetivas (por exemplo utilizando um campo aberto para a resposta, "No seu entender ou relate sobre"). facilitando uma conversa mais detalhada sobre suas experiências. Os temas do guião centravam-se na forma como participantes definem assédio e abuso sexual no âmbito de trabalho do desporto / academia, como ele se desenvolve, como os/as abusadores/as e as vítimas se portam, e de que forma se pode combater tais atos.

Sugere-se que pode ser benéfico gerar um ambiente íntimo para facilitar a entrevista ao investigar tópicos particulares e sensíveis (Smith e Sparks, 2016). Portanto, era significativo que ex atletas e professores/as de academia se sentissem confortáveis com a conversa e no comando durante a entrevista. Assim a entrevistadora se concentrou em ouvir e realizar perguntas de esclarecimento se necessário, sem realizar nenhum julgamento ou suposição aos fatos contados.

Os temas do guião da entrevista semiestruturada foi entregue alguns dias antes a participantes e aguardada a resposta para concordância de tal. As entrevistas foram transcritas, onde nomes foram removidos para obter anonimato e substituídos por professor 1 (um) e 2 (dois), professora 1(um) e 2 (dois), atleta M 1

(um) e 2 (dois) e atleta F 1 (um) e 2 (dois) e não serão apresentados dados que eventualmente permitam a identificação de qualquer dos/as participantes. Os/as entrevistados/as relataram suas vivencias da infância, adolescência e também atuais, sendo que no momento da entrevista todos/as eram adultos.

A duração das entrevistas variou entre quarenta minutos e uma hora e meia e foram gravadas em registo áudio para análise posterior. Foi antecipadamente obtido o consentimento informado de cada participante. A análise dos dados foi feita de forma global após a finalização de todas as entrevistas. Nesse seguimento e conforme o tipo de pesquisa referida, no caso qualitativa, foram realizados os seguintes procedimentos.

Como procedimento na análise dos dados foi realizada uma análise temática (Willig, 2013), em que as categorias emergiriam da própria análise. A análise temática refere-se ao processo de identificação de temas nos próprios dados, neste caso os textos transcritos das entrevistas realizadas, que captam os significados considerados relevantes para os objetivos do presente estudo, ajudando ao encontrar de padrões nos próprios dados. Posteriormente, procedeu-se a uma análise interpretativa, uma vez que, “Without interpretation, we cannot make sense of our data” (Willig, 2014, p.136)

Este estudo pretende apresentar um entendimento aprofundado do tema, indicadores sobre assédio e abuso sexual no âmbito esportivo e âmbito da academia, através de fatos contados por oito participantes, atletas e professores/as de academia. Contando, ouvindo e lendo narrativas, é possível compartilhar experiências de nossas vidas (Sparkes, 1999), pelo que as narrativas apresentam fatos sobre como participantes definem assédio e abuso sexual em seu âmbito de trabalho, como ele se desenvolve, como os abusadores e as vítimas se portam, e de que forma se pode combater tais atos.

5. Apresentação dos Resultados

5.1. Tabu

A seguir apresentam-se dados que emergiram das narrativas dos oito participantes (professores e ex atletas), possibilitando assim distinguir as semelhanças e diferenças que fazem a distinção de cada grupo acerca do assunto discutido.

No início da entrevista todos/as já estavam cientes do assunto e tinham conhecimento do que é assédio e abuso sexual.

> *"Sem dúvidas, é muito comum ver assédio na academia, um dos exemplos é que todos os dias vem alunos e falam de forma sexual sobre alunas e também professores".* (Professor 1).

Como visto na afirmação acima, na academia, tanto é comum como é muito comentado entre alunos e professores a questão do assédio sexual, parece não haver uma barreira que torne proibido falar do assunto ou muitas vezes pratica-lo, diferentemente da afirmação seguinte;

> *"Ouvi falar sobre o tema somente em minha casa, minha família sempre me alertou e informou sobre o perigo do assédio e do abuso sexual no ambiente esportivo, mas nos campos era um grande tabu, todos sabiam que acontecia, mas ninguém falava sobre o assunto"* (Atleta M 1)

Estas narrativas vão mostrando assim que no âmbito esportivo é um tabu[13] falar sobre o assédio e abuso sexual, apesar da maioria dos atletas ter

[13] designar qualquer tipo de proibição

conhecimento do assunto, boa parte ainda não tem nenhuma informação sobre o tema e pode não perceber que está sendo abusado, ideia claramente apresentada na afirmação a seguir;

> *"As atletas são novas, não tem a parte psicológica muito desenvolvida, não tem muito informação sobre o tema, são facilmente influenciadas, olham para o técnico e sua equipe técnica como pessoas a respeitar, fica fácil eles chegarem nas atletas."* (Atleta F 2)

Reforçando a citação anterior e mais uma vez destacando a forma que os atletas são direcionados a não falar sobre o assunto ou muitas vezes não tem conhecimento sobre ele;

> *"Silenciado, não tão silenciado, todos sabiam mas tinham medo, medo de contar que o amigo sofria abuso e eu e ele ser prejudicado, medo de perder a vaga, vergonha de admitir que havia atos abusivos e muitas vezes eles eram trocados por comida, dinheiro, celular, roupas, eles escolhiam esconder porque achavam que estavam sobretudo ganhando "vantagens" ou "atenção especial" sobre os outros colegas, já que viam o treinador como uma figura muito superior".*(Atleta M 2)

Abrindo espaço para uma nova discussão, onde se pode observar pela fala anterior, que a partir de algumas vulnerabilidades os atletas têm uma maior chance de sofrer um assédio ou abuso sexual.

5.1.1 Grupos vulneráveis

Como anteriormente apresentado, para os atletas fica visível quem sofre um risco maior de assédio ou abuso sexual, visto que era nítido que crianças e

adolescentes eram alvo fácil, muito mais visados se fossem do sexo feminino, com más condições financeiras ou LGBTQ+. Ex atletas relatam não ser necessário uma ou mais características das acimas citadas para o abusador agir, mas que normalmente as abordagens intimidadoras e com conotação sexual eram direcionadas a atletas com tais peculiaridades.

> *"O futebol é muito homofóbico e traz uma grande desigualdade com as mulheres. Atletas masculinos são assediados e abusados, mas as atletas mulheres muito mais."* (Atleta M 1)

> "*No caso do meu esporte, o desenvolvimento do abuso se dava muito a necessidade financeira dos abusados, muitos deles eram menores de idade, não tinham nem o que comer e acabavam cedendo ao abusador."* (Atleta M 2)

No âmbito da academia em relação a abordagem de cunho sexual, o que os entrevistados observam é que, a partir do acesso facilitado pelo ambiente o assediador se aproveita para olhar, falar ou tocar, sem que pareça um assédio, chegando geralmente com conversas e propostas de ajudar no treino, sendo ele professor ou não. Em unanimidade os entrevistados/as da academia comentam que as mulheres são 99% das vítimas, descrevendo assim como o maior grupo de vulnerabilidade. Devido a ser um ambiente em sua maioria frequentado por adultos, os outros fatores não parecem influenciar para a condução de um assédio ou abuso sexual.

> *"Os abusadores não tem noção, eles assediam todas as mulheres sejam elas de algum grupo de vulnerabilidade ou não, eles acham que chegar em uma mulher com abordagem sexual é normal".* (Professora 2)

Para um dos entrevistados homens, o que torna a mulher mais vulnerável é a vestimenta que usa para treinar, sua postura diante a uma abordagem masculina e a abertura que ela dá a um primeiro assédio.

> *“Regra de vestimenta deveria ser obrigatório em todas as academias, elas vêm com o short muito apertado e “mostra tudo”, mesmo não querendo olhar, eu vejo, assim como “top” muito aberto”.* (Professor 2)

Podendo perceber aqui uma contradição entre os demais professores, pois para os outros entrevistados não há uma justificativa para que aja um assédio ou abuso sexual, independentemente da roupa que se está vestindo;

> *“As pessoas justificam o assédio, “a mulher estava pedindo pra que passassem a mão”,” olha o tamanho do short,” isso é inadmissível”.* (Professora 1)

Gerando assim uma questão relevante para o comportamento abusivo não só no âmbito da academia como no âmbito esportivo, o machismo.

O machismo é definido por Caplan (1990), como o enaltecimento dos atributos físicos e culturais do homem, dessa forma passasse a acreditar que tais são comparativamente superiores as mulheres.

Esse pensamento é evidenciado nas práticas de assédio e abuso sexual constantemente, tornando esses atos mais frequentes e “justificáveis”, que por consequência faz com que as vítimas tenham medo ou sintam culpas em denunciar o abusador. Segundo Hartill (2009), o esporte tem no momento um padrão dirigido pelo desempenho que privilegia a atuação de homem preponderante.

5.2 Medo e culpa

O medo é uma condição de sucessiva insegurança e apreensão, de fraqueza e paralisia gradativa, diante de uma situação que gostaríamos de esquivar. (Dalgalarrondo, 2000).

Em continuação, salientando o sentimento de medo, visto que ele foi referido por oito entrevistados como chave principal para a não realização das denúncias de assédio e abuso sexual.

Juntamente com o medo, podemos destacar outros sentimentos que provem dele, como a sensação de vergonha em expor a situação e ser julgado, da não proteção por parte de família, colegas e justiça e também a perda da vaga de trabalho ou lugar no time.

> *"As pessoas não denunciam porque tem medo, medo de serem julgadas, de nada acontecer".* (Professora 1)

> *"Como eu vou denunciar e amanhã estar aqui de novo, ser julgada pelos outros, ver a pessoa que eu denunciei, não é nada fácil. (Atleta F 2)*

> "*Você não quer deixar de praticar o esporte, mas se denunciar tem que parar".* (Atleta F 1)

Vinculado ao medo e a cultura machista que está enraizada não somente nos homens mais também nas mulheres, o segundo motivo mais citado pelos entrevistados/as como fonte do silenciamento das vítimas é a culpa.

A culpa aparenta vir de uma situação própria, onde a pessoa se encarrega do sentimento de mal estar, ela pode variar através de um comportamento corretivo ou pode não ser resolvido (Tracy et al., 2007). Sentimento esse que faz com que a vítima pense que está sendo abusada porquê de alguma forma provocou aquela situação.

> *"A gente tem vergonha e se sente culpada pela situação".* (Atleta F 1)

Quando é possível ultrapassar a barreira da culpa, muitas vezes se é parado por outro obstáculo. Evidenciando agora a falta de proteção as vítimas e a não impunidade ao abusador.

> *“Eu fui denunciar o aluno para meu supervisor, como sempre, nada aconteceu”.* (Professora 1)

Ao receber a notificação sobre o assédio ou abuso sexual, algumas entidades mostram desinteresse sobre o assunto ou simplesmente não assumem nenhuma postura, esse ato machista que desvaloriza a vítima ganha força também devido a hierarquia de gênero que prevalece injusta no âmbito esportivo e no âmbito da academia.

5.3 Hierarquia

Segundo Saffioti (1997), ao estruturar a comunidade, se usou núcleos de hierarquização, estipulando diretrizes socias, culturais, éticas e legais para gerir os modos dos indivíduos perante a sociedade. Essa ordem estrutural determina que o forte prevalece sobre o mais fraco, o mais afortunado sobre o menos e em questão de gênero, o homem sobre a mulher.

Nada distante dessa realidade, está a hierarquização no âmbito esportivo e no âmbito da academia. Enquanto no âmbito da academia, essa organização parece ser melhor estruturada e mais justa mesmo com falhas, no âmbito esportivo é visível pelos relatos de ex atletas uma disparidade imensa.

> *“A própria situação de superioridade na hierarquia do esporte faz com que seja fácil a aproximação do técnico com o atleta, eu já vivenciei, em primeiro momento a sensação de zelo e dedicação*

> *maior a você parece boa, melhora a auto estima, mas depois acaba gerando muito constrangimento."* (Atleta F 1)

Complementando a afirmação;

> *"Somos silenciados hierarquicamente também, os abusadores são mais velhos, são supervisores de equipe ou treinadores e essas pessoas acabam dominando em vários aspectos a situação".* (Atleta M 2)

Portanto, fica claro o formato intimidador que o âmbito esportivo está estruturado e que transparece também com mais sutilidade no âmbito da academia. A partir desse contexto vejamos os relatos sobre as vivencias de ex atletas e de professores/as sobre assédio e abuso sexual em seus respectivos âmbitos.

5.4 Assédio e Abuso sexual no âmbito da academia e no âmbito esportivo

Constate-se nesse momento os assédios sexuais no âmbito da academia onde, duas professoras e um professor comentaram já ter sofrido assédio verbal, por mensagem de texto e convites inapropriados.

> *"Eu estava fazendo meu trabalho, fui auxiliar o aluno e a partir desse dia ele me perseguia em todos os cantos da academia, me olhava de cima a baixo, me deixando completamente constrangida".* *(*Professora 1)

> *"Alguns alunos já me constrangeram sim, mas consegui sair da situação sem criar um clima pesado na academia". (*Professora 2)

> *"Já recebi mensagens de texto inapropriadas de uma supervisora da academia, no momento eu namorava e pedi para que parasse de mandar pois estavam me deixando desconfortável, somente depois de algum tempo a situação parou".* (Professor 2).

Somente um dos professores diz não ter se sentindo constrangido em nenhum momento enquanto estava em seu trabalho ou treinamento, mas reforça que já observou diversas vezes os assédios.

> *"Eu particularmente nunca me senti mal ou assediado no meu trabalho, mas sim, já vi muito assédio acontecendo na academia."* (Professor 1).

Quando em comparação com o âmbito esportivo verifica-se que o assédio e o abuso sexual são mais recorrentes. Em seguida atentemos às narrativas de ex atletas.

> *"Eu nunca sofri com assédio ou abuso sexual, mas um dos treinadores próximos a minha ex equipe e muito conhecido no esporte, foi preso recentemente por abusar de um atleta de 12 anos, além disso tenho um exemplo em casa, meu tio parou de jogar porque o massagista da equipe ao fazer a massagem tentou abusá-lo, quando ele ainda era menor de idade."* (Atleta M 1)

> *"Por minha família sempre me acompanhar e eu ter uma boa condição financeira, nunca sofri com esse problema, mas ouvia muito falar de colegas com poucas condições, trocando sexo oral ou até mesmo o ato sexual em si, por dinheiro, celular ou alguma expectativa de permanência no time, isso eram adolescentes de 14 até 16 anos."* (Atleta M 2)

> *“Eu era muito nova e não via com os olhos de hoje, mas sim, já vi colegas que estavam sem um bom apoio familiar e financeiro e os técnicos ou equipe técnica tentando uma aproximação íntima com elas, mas como eles eram exemplos para nós, não parecia errado, parecia privilégio.* (Atleta F 1)

> *“Eu tinha 8 anos e amava (modalidade que praticava), treinava muito e comecei a ganhar atenção especial de um atleta olímpico, ele era uma referência para todos, no começo eu estava feliz com os treinos extras e a atenção especial, mas logo comecei a ficar constrangida porque ele me seguia em todos os lugares, até mesmo na igreja, me senti intimidada e sabia que aquilo não era correto, como cada dia ele estava mais próximo e me deixava mais constrangida, acabei deixando de treinar e fazer o que mais gostava, nunca contei pra ninguém, somente parei, assim como várias outras meninas já fizeram.* (Atleta F 2)

Acrescentando em sua fala, sobre seu respectivo esporte;

> *“Dou exemplo do próprio técnico da seleção Brasileira masculina, ele já havia sido acusado por outros atletas de abuso sexual e mesmo assim foi contratado.”* (Atleta F 2)

Após a conclusão dos relatos e a confirmação de todos sobre a presença de abuso e assédio sexual em seus específicos âmbitos, indagou-se a entrevistados/as formas de prevenção e diminuição desse acontecido. Dando origem ao último item de análise.

5.5 Sugestões para diminuição do assédio e abuso sexual no âmbito esportivo e no âmbito da academia

Finalizando a análise de dados, professores/as e ex atletas sugerem formas para o combate e diminuição do assédio e abuso sexual em seus âmbitos em particular. Em destaque está a educação e a punição, presente em todas as narrativas. No âmbito da academia;

> *"A educação em casa conjunta com a educação sexual na escola vai mostrar para o menino desde criança que tocar em uma menina é errado, quem sabe ele mentalizando e aprendendo isso não cometa um assédio ou abuso quando adulto, a mesma educação faz com que a menina perceba quando está sendo abusada."* (Professora 1)

> *"Nossa geração ainda sofre tanto com o machismo, já está melhor, mais ainda falta muito, projetos de conscientização aos homens e empoderamento da mulher seriam ótimos para acabar com isso, os homens tem que parar de achar que tem poder sobre nós".* (Professora 2)

No âmbito esportivo;

> *"Educação, educação em casa, na escola, nos clubes e punição de verdade aos abusadores."* (Atleta M 1)

> *"Além de educação e punição, um salário base para quem começar no esporte, pelo menos para comer."* (Atleta M 2)

> *"Esclarecer para as pessoas sobre o que acontece, o que é um assédio e um abuso sexual, conhecer o profissional, atenção ao comportamento dos atletas menores de idade, fazer com que eles se*

sintam confortáveis para falar com os pais ou outros professores."
(Atleta F 1)

Podendo perceber ao realizar as perguntas, que a educação sugerida por todos se mostra de várias formas, esclarecimento do assunto, como ele acontece, como realizar a denúncia e onde será um ambiente seguro para relatar os casos. Essa educação que pode ser iniciada em casa e ter um suporte na escola e nos clubes, parece ser a base para que aja uma queda de assédios e abusos sexuais no meio esportivo. Também muito frisado a punição do abusador, que parece falhar constantemente e acontecer de forma muito burocrática, deixando a vítima com medo de se expor, em contra partida a esse descaso, se sugere locais que acolham as pessoas abusadas. Constata-se nessa entrevista recomendações valiosas para a resolução do problema proposto.

Após as sugestões de providência e diminuição do problema apresentado, deu-se o fim da entrevista e a conclusão da recolha dos dados para análise e resultado da pesquisa.

6. Discussão dos resultados

As narrativas dos atletas apresentadas neste estudo são de quatro países diferentes, mas refletem circunstâncias similares. O objetivo principal da escrita é tornar percebido o assédio e o abuso sexual no âmbito da academia e do esporte, explorar as experiências de participantes, ex-atletas e professores/as para maior conscientização de como se sucede e se desenvolve esse acontecimento, e buscar soluções para diminuição das ocorrências.

Uma apuração cuidadosa das oito narrativas mostra que, primeiramente, o assédio e o abuso sexual acontecem em todos os ambientes estudados, podemos perceber que no âmbito da academia o assédio sexual é mais recorrente e no âmbito esportivo o assédio e o abuso sexual andam em proporções semelhantes. Visto que facilmente na área esportiva o atleta se coloca em posição de submissão gerando desvantagens e situações vexaminosas diante seu superior. (Cense & Brackenridge, 2001). Pode-se notar que há uma grande carência de informação sobre o assunto no âmbito da academia, onde quase não se encontra material sobre assédio e abuso sexual. Mesmo dentro do esporte são poucos os estudos feitos em relação ao tema, apesar de ele estar aparentemente em presença constante em tal âmbito. (Fasting et al., 2004).

Observa-se também que o grupo de maior vulnerabilidade em geral são meninas e mulheres. Podendo comparar que o mesmo acontece em pesquisas semelhantes, segundo Gama (2019), 31% das mulheres e 21% dos homens atletas sofreram abuso sexual onde 41% das mulheres e 29% dos homens o ocorrido foi em âmbito esportivo. Em continuação ao estudo presente, acrescenta-se pelos entrevistados atletas menores de idade e atletas com baixa renda. Nesse contexto é citado ainda por dois participantes sobre atletas LGBTQ+, onde segundo Mountjoy (2015) os relatos e estudos sobre o assunto são amplamente desconhecidos.

Identificou-se que o medo e a culpa são os fatores mais citados para a falta de denúncia dos casos em ambos os âmbitos. Reforçando esse contexto, Habigzang & Caminha (2004) afirmam que esses sentimentos juntamente com as ameaças do abusador, fazem com que a vítima fique em silêncio com maior facilidade. Vinculados ao medo e a culpa, está a falta de punição dos abusadores e a vergonha de expor aos outros o ocorrido. Também se é visto falhas na supervisão dos profissionais que trabalham nessa área e na proteção deles caso ocorra um assédio ou abuso sexual.

Comentado principalmente pelas entrevistadas está o machismo que vigora como grande causa do assédio e abuso sexual nos dois âmbitos. Visto que a sociedade machista é um dos elementos condicionantes para a violência sexual, já que nessa visão o homem está no grupo dominante e por isso tem controle sobre a mulher (Finkelhor, 1980). Tal fator acontece claramente nas academias e de forma menos visível no esporte, o que se pode constar é a inversão desse quadro quando se trata de hierarquia, visto que permanece fortemente como auxílio para os abusadores chegarem nas vítimas na área esportiva e nas academias não é um fator tão relevante.

No momento de relatar sobre os assédios e abusos sexuais, nota-se uma diferença nas descrições, entrevistados/as do âmbito da academia dizem só ter ouvido falar de abusos sexuais que ocorreram e sua área mas ver ou sofrer somente assédio sexual, já no âmbito esportivo, todas já tinhas ouvido, visto ou conheciam pessoas próximas que sofreram um assédio sexual, dando por concluir que ele é muito maior no âmbito esportivo. Como confirmado pelo estudo de Brackenridge (2001), já antes citado, que retrata a violência sexual dentro na área do esporte como um problema de saúde pública.

Contudo, é destacado a progressão da visibilidade e denúncias dos acontecimentos e sugerido diversas formas de combate ao assédio e abuso sexual nesses âmbitos, como maior educação em casa, escolas e clubes, controle rigoroso

dos profissionais que trabalham na área, espaços seguros para as vítimas, uma ajuda de custo mínima aos atletas e a punição correta aos abusadores. Um dos movimentos mais atuais utilizados na internet é o “#MeToo”, [14]onde as vítimas tem se sentindo inspiradas a contar seus relatos e ajudar quem ainda não conseguiu sair da situação de assédio ou abuso sexual, esse projeto tem ganhado visibilidade e juntamente com ela, suporte financeiro para auxiliar na defesa e proteção das mulheres abusadas.

[14] https://pt.wikipedia.org/wiki/Movimento_Me_Too

7. Conclusões

O presente estudo tem como objetivo buscar indicadores sobre assédio e abuso sexual no âmbito esportivo e no âmbito da academia. Verifica-se primeiramente que o fato ocorre nos dois âmbitos com frequência.

Foi identificado que existe grupos de vulnerabilidade, mulheres citadas como grande maioria em ambos os âmbitos, destaca-se no âmbito esportivo atletas menores de idade e atletas de baixa renda.

Averiguou-se que o machismo é fator primário para desencadear uma situação inicial de assédio ou abuso sexual no âmbito da academia, ligado a ele está a hierarquia que aparece como razão principal para a causa e continuação dos abusos no âmbito esportivo.

Observa-se que os professores entrevistados relatam não saberem de casos concretos de abuso sexual na academia, já o assédio é recorrente e normalizado pelo ambiente, tornando-se parte do cotidiano e consequentemente já sucedido com a maior parte deles. Em relação ao âmbito esportivo é notável que o assédio e o abuso sexual acontecem em valor significativo, tanto que todos os entrevistados relatam fatos ligados ao assunto, onde as evidências mostram que o abuso sexual persiste em grande parte dos casos.

Aponta-se soluções cabíveis para o combate e diminuição do assédio e abuso sexual no âmbito esportivo e no âmbito da academia. Em destaque está a educação em casa, na escola e nos clubes, juntamente com a punição aos que praticam tal perverso ato.

Se conclui que a pesquisa sobre esse tópico se beneficiaria de um maior uso da análise narrativa e biográfica, a fim de colaborar com parte nos estudos sobre assédio e abuso sexual no âmbito da academia e no âmbito esportivo.

Em conclusão esperasse que o presente artigo, ajude não somente a reforçar a bibliografia sobre assédio e abuso sexual no âmbito esportivo e no âmbito da academia, mas que também encoraje outras pessoas a relatar, denunciar e compartilhar suas experiências, criando conexões para a redução dos abusos a penalização dos abusadores e o acréscimo de esperança as vítimas.

8. Bibliografia

Adami, F., Chehab, D., Daboin, G., E., B., Figueiredo, W., S., F., Paiva, S., L., A., M., & Reato, N., F., L. (2017). *Sexual abuse characteristics in Santo André, São Paulo, Brazil: from victims to aggressors, from diagnosis to treatment.* J Hum Growth Dev. 27(2). 228-234.

American Psychology Association. (2018). Sexual Abuse. [online].[viewed 1 December 2018]. Available from: https://www.apa.org/topics/sexual-abuse/index.aspx

Benedict, J. (1997). Public Heroes, Private Felons: Athletes and Crimes Against Women. Boston, MA: Northeastern University Press

Bourdieu, P. (2005). Habitus. In J. Hillier & E. Rooksby (Eds.), Habitus: A sense of place (2nd ed., pp. 43-52). Aldershot, UK: Ashgate

Brackenridge, C. H., Bishopp, D., Moussalli, S. and Tapp, J. (2008). The characteristics of sexual abuse in sport: A multidimensional scaling analysis of events described in media reports. International Journal of Sport and Exercise Psychology. 6: 365–406.

Brackenridge, C., & Fasting, K. (2005). The Grooming Process in Sport: Narratives of Sexual Harassment and Abuse. Auto/Biography, 13(1), 33–52. https://doi.org/10.1191/0967550705ab016oa

Brackenridge, C., Bishop, D., Moussali, S. and Tapp, J. (2008). The characteristics of sexual abuse in sport: A multidimensional scaling analysis of events described in media reports. International Journal of Sport and Exercise Psychology, 6(4): 385-406.

Brackenridge, C., Cense, M. (2001). Temporal and developmental risk factors for sexual harassment and abuse in sport. European Physical Education Review. 7(1).61–79.

Brackenridge, C.H. (1987). Ethical problems in wonen's sport. Coaching Focus, Leeds, National Coaching Foundation, Summer, 6, pp. 5-7.

Brackenridge, C.H. (1996). Healthy sport for healthy girls? The role of parents in preventing sexual abuse. Paper presented at the Pre-Olympic Scientific Congress, Dallas, Texas, USA, July 11-15.

Brackenridge, CH (1997). "Ele me possuía basicamente": a experiência das mulheres de abuso sexual no esporte. Revista Internacional de Sociologia do Esporte, 32, (2), 115-130.

Bureau of Justice Statistics, Washington, DC. 2 Fisher, B. (2009). The Effects of Survey Question Wording on Rape Estimates: Evidence from a Quasi-Experimental Design. Violence Against Women. 15: 133-147.

Burton-Nelson, M. (1994). Are We Winning Yet? How Women are Changing Sports and Sports are Changing Women. New York: Random House.

Burton-Nelson, M. (1996). The Stronger Women Get, the More Men Love Football. Sexism and the American Culture of Sports. New York: Harcourt Brace

CAPLAN, Paula. (1990). Delusional Dominating Personality Disorder. Activist Mens Journal (volume 17).

Cense, M., & Brackenridge, C. (2001). Fatores de risco temporais e de desenvolvimento para assédio sexual e abuso no esporte. Revisão Europeia de Educação Física, 7(1), 61-79.

Costa, J. F. (1995). A face e o verso: estudos sobre o homoerotismo II. In A face e o verso: estudos sobre o homoerotismo II (pp. 303-303).

Crosset, T. (1986). ‘Male Coach–Female Athlete Relationships’, paper presented at the First Interdisciplinary Conference for Sport Sciences, Sole, Norway, 15–16 Nov.

Cunningham, G. B., & Melton, N. (2012). Prejudice Against Lesbian, Gay, and Bisexual Coaches: The Influence of Race, Religious Fundamentalism, Modern Sexism, and Contact with Sexual Minorities. Sociology of Sport Journal, 29(3), 283-305. doi: 10.1123/ssj.29.3.283

Dalgalarrondo, Paulo. Psicopatologia e Semiologia dos Transtornos Mentais. Porto Alegre: Artmed, 2000.

Declaração de Pequim (1997). Lisboa, CITE — Comissão para a Igualdade e para os Direitos das Mulheres.

Elliott, J. (2005). Using narrative in social research: Qualitative and quantitative approaches. Sage Publications.

Fasting, K., & Knorre, N. (2005). Women in sport in the Czech Republic: The experiences of female athletes. Norwegian School of Sport Sciences

Fasting, K., Brackenridge, C. and Sundgot Borgen, J. (2004). Prevalence of Sexual Harassment among Norwegian Female Elite Athletes in Realtion to Sport Type, International Review for the Sociology of Sport, 39,(4),373-386.

Fasting, K., Chroni, S., Hervik, S. E., & Knorre, N. (2011). Sexual harassment in sport toward females in three European countries. International Review for the Sociology of Sport, 46(1), 76–89. doi:10.1177/1012690210376295

Finkelhor, D., & DONADI, R. (1980). El abuso sexual al menor: causas, consecuencias y tratamiento psicosocial. Pax México. p. 47.

Gama, M. D. C. M. M. D. (2019). Representações sociais sobre o abuso sexual no contexto desportivo p. 5-16. Escola de Ciências Sociais e Humanas, IUL Departamento de Psicologia Social e das Organizações (Doctoral dissertation).

Habigzang, L. F. & Caminha, R. M. (2004). Abuso sexual contra crianças e adolescentes: Conceituação e intervenção clínica. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Hargreaves, J. (1994). Mulheres esportivas: questões críticas na história e na sociologia do esporte feminino // Review. Recursos para Pesquisa Feminista , 24 (1/2), 77.

Harrison, P. (1995). 'Editorial: Partnerships between Physical Education and Sport', British Journal of Physical Education 17(2): 26–30.

Hartill, M. (2009). The Sexual Abuse of Boys in Organized Male Sports. Men and Masculinities. Vol. 12 (2). 225-249.

Heywood, L. (1998). Pretty Good for a Girl: A Memoir. London: Free Press

Hillis S, Mercy J, Amobi A, et al. Global prevalence of past-year violence against children: a systematic review and minimum estimates. Pediatrics. (2016);137(3):e20154079.

Hotelling, K., & Zuber, B. A. (1997). Feminist issues in sexual harassment. In W. O'Donohue (Ed.), Sexual harassment: Theory, research, and treatment (pp. 99-108). Needham Heights, MA: Allyn & Bacon.

International Olympic Committee consensus statement: harassment and abuse (non-accidental violence) in sport/////Assédio Moral e Sexual no Esporte. Comitê Olímpico Internacional – COI (2007). Site: https://www.olympic.org/sha

Kirby, SL, Greaves, L. e Hankivsky, O. (2000). A cúpula do silêncio: assédio sexual e Abuso no esporte. Halifax: Fernwood.

Leahy, T., Pretty, G. and Tenenbaum, G. (2002). 'Prevalence of sexual abuse in organised competitive sport in Australia', Journal of Sexual Aggression 8(2):16-36.

Lenskyj, H. (1992). 'Unsafe at Home Base: Women's Experiences of Sexual Harassment in University Sport and Physical Education', Women in Sport and Physical Activity Journal 1(1): 19–34.

Lisboa, M., Barroso, Z., Patrício, J., & Leandro, A. (2009). Violência e género. Inquérito nacional sobre a violência contra mulheres e homens. Pesquisa nacional sobre violência contra mulheres e homens]. Lisboa: Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género.

Lopes, A. C. A. (2017). "Picos e Avelã à descoberta da Floresta do Tesouro!": construção de um programa de prevenção primária de abuso sexual para crianças em idade pré-escolar (Doctoral dissertation).

Martín Horcajo, M., & Juncà Pujol, A. (2014). Sexual Harassment in Sport: the Case of Student-Athletes Reading for a Degree in Physical Activity and Sport Science in Catalonia. *Apunts. Educación Física y Deportes, 115*, 72-81. https://doi.org/10.5672/apunts.2014-0983.es.(2014/1).115.07

Mateus, M. I. (2012). Prevalência de abuso sexual em crianças portuguesas. Ispa Instituto Universitário.

McMahon, S. (2007). Understanding community specific rape myths: Exploring student-athlete culture. Affilia, 22(4), 357-370.

Meksenas, P. (2002). Pesquisa social e ação pedagógica. Edições Loyola.

Messner, Michael. (1992). Power at play: Sports and the problem of masculinity. Boston: Beacon

Mountjoy M, Rhind DJA, Tivas A, et al. Protegendo as crianças atletas no esporte: uma revisão, uma estrutura e recomendações para o modelo de desenvolvimento de atletas jovens do COI. Br J Sports Med (2015).; 49: 883 – 6

Mountjoy, M., Brackenridge, C., Arrington, M., Blauwet, C., Carska-Sheppard, A., Fasting, K., . . . Budgett, R. (2016). International olympic committee consensus statement: Harassment and abuse (non-accidental violence) in sport. British Journal of Sports Medicine, 50(17), 1019–1029. doi:10.1136/bjsports-2016-096121

Murphy, N., & Elias, E. (2006). Sexuality of children and adolescents with developmental disabilities. *American Academy of Pediatrics,118 (1)* 398-402.

OMS, (2010). Promoting sexual and reproductive health for persons with disabilities. [S.l.: WHO/UNFPA]. Disponível em <http://whqlibdoc.who.int/publications/2009/9789241598682_eng.pdf>. Acesso em: 3 de novembro de 2010.

Papathomas, A., (2016). Narrative inquiry: From cardinal to marginal and back? In B. Smith & A. C. Sparkes (Eds.), Routledge handbook of qualitative research in sport and exercise. p. 37-48.

Parent, S., Hlimi,K. E. (2012). *Sexual abuse of young people in sport.* [online]. [viewed 1 December 2018]. Retirado de: https://www.inspq.qc.ca/en/sexual-assault/fact-sheets/sexual-abuse-young-people-sport

Robinson, L. (1997). Crossing the Line: Sexual Harassment and Abuse in Canada's National Sport. Toronto: McClelland and Stewart Inc.

Rodino-Colocino, M. (2018). Eu também, # MeToo: Combater a crueldade com empatia. Comunicação e Estudos Críticos / Culturais , 15 (1), 96-100.

Saffioti HIB. No fio da navalha: violência contra criança e adolescente no Brasil atual. In: Madeira FR, organizador. Quem mandou nascer mulher? Estudos sobre crianças e adolescentes pobres no Brasil. Rio de Janeiro: Editora Record/Rosa dos Tempos; (1997). p. 135-211.

Santos, S. A. (2015). Assédio sexual nos espaços públicos: reflexões históricas e feministas. História, Histórias: Revista do Programa de Pós-graduação em História da UnB, Brasília, 3(6), 29-41.

Sherlock, J. (1979). The Evaluation of Leisure Programmes in Secondary Schools. Journal of PsychoSocial Aspects Occasional Papers 5. Edinburgh: Dunfermline College of PE.

Shields, D.L. and Bredemeier, B.J.L. (1994). Character Development through Physical Activity. Champaign, IL: Human Kinetics

Smith, B. (2016). Narrative analysis in sport and exercise: How can it be done?. In Routledge handbook of qualitative research in sport and exercise (pp. 260-273). Routledge.

Smith, B., & Sparkes, A. (2009). Narrative inquiry in sport and exercise psychology: what can it mean, and why might we do it? Psychology of Sport and Exercise, 10, 1–11.

Sparkes, A. C. (1999). Talking Bodies. Men's Narratives of the Body and Sport. SoPhi, University of Jyväskylä., Finlandia.

Stoltenborgh MA, Bakermans-Kranenburg MJ, van Ljzendoorn MH, Alink LR. Culturalgeographical differences in the occurrence of child physical abuse? A meta-analysis of global prevalence. International Journal of Psychology. (2013). ;48:81–94.

Stoltenborgh MA, van Ijzendoorn MH, Euser E;, Bakerman-Kranenburg MJ. A global perspective on child sexual abuse: Meta-analysis of prevalence around the world. Child Maltreatment. (2011).;16:79–101.

Sullivan PM, Knutson JF. Maus-tratos e deficiências: uma população baseada estudo epidemiológico. Negl de abuso infantil (2000).; 24: 1257 – 73.

Talbot, M. (1976). 'Education for Leisure – a Critique', British Journal of Physical Education 7(3): 147–8.

Taylor, E.A., Rode, C., & Hardin, R. (2015). Contrapower harassment: Experiences of sport management female faculty. Ottawa, Canada: North American Society for Sport Management.

Think Olga. Chega de Fiu Fiu. Disponível em: Acesso em: 29 mai (2017). THINK OLGA. A Olga. Disponível em:< http://thinkolga.com/a-olga/> Acesso em: 29 mai 2017

Thorpe, H., Toffoletti, K., & Bruce, T. (2017). Sportswomen and Social Media: Bringing Third-Wave Feminism, Postfeminism, and Neoliberal Feminism Into Conversation. *Journal of Sport and Social Issues*, *41*(5), 359–383. https://doi.org/10.1177/0193723517730808

Tracy, J. L., Robins, R. W., Tangney, J. P., & Dearing, R. L. (2007). The self-conscious Dif. Individuais na Tendência Para a Vergonha e Culpa: Antecedentes Motivacionais. 52 emotions: Theory and research. New York: Guilford.

Trisha Leahy, Grace Pretty & Gershon Tenenbaum (2002). Prevalência de abuso sexual em esportes competitivos organizados na Austrália, Journal of Sexual Aggression, 8: 2, 16-36, DOI: 10.1080 / 13552600208413337

Willig, C. (2013). Introducing Qualitative Research in Psychology. New York: Open University Press.

Willig, C. (2014). Interpretation and Analysis. In U. Flick (Ed.), The Sage Handbook of Qualitative Data Analysis (pp. 136-150). London: Sage.

Yorganci, I. (1993). Preliminary findings from a survey of gender relationships and sexual harassment in sport. in C. Brackenridge (ed), Body matters: Leisure Images and Lifestyle. Eastbourne: Leisure Studies Association

Yorganci, I. (1994). Gender, sport and sexual harassment. Unpublished doctoral thesis, Chelsea School, University of Brighton

9. Anexos

ANEXO 1 - Guia de entrevista semiestruturada/academia

Em busca de indicadores sobre assédio e abuso sexual no âmbito esportivo e no âmbito da academia.

Esta pesquisa tem como objetivo averiguar indicadores de assédio e abuso sexual no âmbito esportivo e no âmbito da academia. Será desenvolvida por Carine Antonia Viechinski sob a orientação da Professora Doutora Paula Silva, com vista à obtenção do 2º ciclo em Atividade Física e Saúde, da Faculdade de Desporto da Universidade do Porto. O preenchimento deste questionário é **confidencial e anónimo**. Os dados recolhidos serão utilizados apenas para fins científicos. A sua participação é voluntária, podendo desistir a qualquer momento do estudo sem que isso lhe cause qualquer tipo de prejuízo, e da sua participação não advirão riscos acrescidos. Leia cuidadosamente cada questão. Desde já, agradecemos a vossa participação.

Guia de entrevista semi-estruturada

Dados sociodemográficos / Caracterização:

1 - Sexo: ( ) feminino ( ) masculino ( ) outro.

2 - Nível de escolaridade:

( ) ensino básico, ( ) ensino secundário, ( ) licenciatura, ( ) ensino técnico,

( ) mestrado, ( ) doutoramento.

3 - ( ) Esporte Individual, ( ) Esporte coletivo, ( ) Academia.

Questões abertas

4 - No âmbito da academia você já ouviu falar sobre assédio e abuso sexual?

5 - Relate sobre o que você identifica como assédio e abuso sexual dentro da
academia, e se você já ouviu, viu ou vivenciou algo relacionado ao tema.

6 – No seu entender, o que se deve ao desenvolvimento dessas situações de assédio e abuso sexual no âmbito da academia?

7 - Como os abusadores se portam para chegar às vítimas? Normalmente elas
são escolhidas por portar alguma vulnerabilidade?

8 – Fala-se das vozes silenciosas das vítimas de abuso sexual. O que pensa que leva a essas vítimas permanecerem silenciosas quando vivenciam situações de assédio e abuso sexual na academia?

9 - De uma ou mais alternativas de prevenção ou diminuição do assédio e
abuso sexual no âmbito da academia.

ANEXO 2 - Guia de entrevista semiestruturada/esporte

Em busca de indicadores sobre assédio e abuso sexual no âmbito esportivo e no âmbito da academia.

Esta pesquisa tem como objetivo averiguar indicadores de assédio e abuso sexual no âmbito esportivo e no âmbito da academia. Será desenvolvida por Carine Antonia Viechinski sob a orientação da Professora Doutora Paula Silva, com vista à obtenção do 2º ciclo em Atividade Física e Saúde, da Faculdade de Desporto da Universidade do Porto. O preenchimento deste questionário é **confidencial e anónimo**. Os dados recolhidos serão utilizados apenas para fins científicos. A sua participação é voluntária, podendo desistir a qualquer momento do estudo sem que isso lhe cause qualquer tipo de prejuízo, e da sua participação não advirão riscos acrescidos. Leia cuidadosamente cada questão. Desde já, agradecemos a vossa participação.

Guião entrevista semi-estruturada

Dados sociodemográficos / Caracterização:

1 - Sexo: ( ) feminino ( ) masculino ( ) outro.

2 - Nível de escolaridade:

( ) ensino básico, ( ) ensino secundário, ( ) licenciatura, ( ) ensino técnico,

( ) mestrado, ( ) doutoramento.

3 - ( ) Esporte Individual, ( ) Esporte coletivo, ( ) Academia.

4 - Em seu âmbito esportivo já ouviu falar sobre assédio e abuso sexual?

5 - Relate sobre o que você identifica como assédio e abuso sexual dentro do
esporte, e se você já ouviu, viu ou vivenciou algo relacionado ao tema.

6 – No seu entender, o que se deve ao desenvolvimento dessas situações de assédio e abuso sexual no âmbito esportivo?

7 - Como os abusadores se portam para chegar às vítimas? Normalmente elas
são escolhidas por portar alguma vulnerabilidade?

8 – Fala-se das vozes silenciosas das vítimas de abuso sexual. O que pensa que leva a essas vítimas permanecerem silenciosas quando vivenciam situações de assédio e abuso sexual no esporte?

9 - De uma ou mais alternativas de prevenção ou diminuição do assédio e
abuso sexual no âmbito esportivo.

ANEXO 3 – Comissão Europeia sobre igualdade de gênero

Gender Equality in Sport
Proposal for Strategic Actions 2014 – 2020
Approved by the Group of Experts 'Gender Equality in Sport'
at its meeting in Brussels on 18 February 2014

5 Fight against gender based violence in and through sport
5.1 Challenges at national and international levels
Sports participation can empower girls' bodies and identities and as such sport can contribute to the prevention of gender based violence in society at large. However, gender based violence also occurs in sport and for a long time sport did not recognise this. But media attention and research has gradually changed the attitude of sports organisations and they now realise that gender based violence in sport cannot be denied. Prevalence data for gender and sexual harassment in sport varies between 14% and 73% in the nine European countries which have undertaken empirical studies in this area. Gender and sexual harassment seems to occur in all sports. The experience of sexual harassment increases from the recreational to the elite level. Verbal sexual harassment seems to be the form that happens most frequently in sport.
For sexual abuse in sport prevalence data varies between 2% and 22%, in which athletes were forced or coerced into any sexual activity they did not want, nor were sufficiently mature to consent to. In some of the cases the process of grooming and/or coercing someone for sexual abuse, has been revealed. It seems to occur in sport most often between a young female athlete and an older powerful coach, where the coach slowly gains the trust of a person before systematically breaking down interpersonal barriers, which then ends in sexual abuse.